ART\_APASSOS12

**OLHARES**

**Rocha de Sousa**

**Armanda Passos**

**Sonhos Acordados**

*Mais do que histórias, Armanda cria,*

*direi eu, quadros poéticos,*

*ou antes Fantasmas poéticos*

*ou sonhos acordados.*

*Sylvie Deswarte-Rosa*

Armanda Passos expõe na Galeria S. Mamede, entre 22 de Novembro e 15 de Janeiro de 2013, uma importante conjunto de pinturas de pequeno formato, coerente com o seu percurso neste domínio. Natural da Régua, vive e trabalha no Porto. No caso desta série de obras, a pintora optou por desenvolver peças de reduzido tamanho, um espaço que, no seu vivo espectro cromático, parece ter *aparecido* de formulações em muito maior escala. O jogo ilustrativo e fantasista brinca com o nosso olhar mas leva-nos a questionar o que torna este ilusionismo humoral um espectáculo igualmente de perturbação e susceptível de misturar o medo no riso.

*Sonhos Acordados*, título da exposição, envolve a noção do sono/vigília e do imaginário a integrar a deriva dos sonhos, entre o maravilhoso de uma infância não perdida e o *non-sense* que certas pinturas antigas, como as de Brueghel ou Bosch, se prolonga até à moderna concepção do *absurdo.* «Afinal, escreveu Sylvie Deswarte-Rosa, qualquer um de nós é provavelmente capaz de ter sonhos acordados, se ficarmos atentos e nos prepararmos para isso. Mas só muito poucos o fazem.» Esta historiadora aponta então para o caso de Opicinus de Canistris (século XIV) com as «imagens cartográficas antropomorfas criadas em segredo ao longo de uma noite em Avinhão durante o grande Cisma.» Também segue as experiências de Hieronymus Bosch no século XV, nos países baixos, pintor que se adiantou na evolução figurativa, do âmbito do fantástico e do expressionismo, abrindo espaço a visões de um delírio inquietante, em particular no tríptico das *Tentações de Santo Antão* (Museu de Arte Antiga, Lisboa).

SONHOS NÍTIDOS

Sylvie, enquanto aborda o imaginário destes «sonhos acordados», lembra, e bem, algumas frases de um texto de Eduardo Prado Coelho sobre a autora:

*«…De onde vêm estas mulheres? Ninguém sabe. A que tempo pertencem? Ao princípio do mundo, mas declinando ao longo dos séculos e países, num contraponto permanente entre o traço europeu e o traço muçulmano. Por vezes parecem presas de um poder obscuro, alienadas desde os séculos mais longínquos, encarceradas na obtusidade dos saberes cativos.»* Ao desdobrar este tipo de questões, ensaiando hipotéticas respostas, Prado Coelho ainda escreveu: *Elas também «parecem deter uma sageza insolente e alheia às razões do nosso tempo e à masculinidade que rege o funcionamento do universo.»*

2

O texto de Eduardo Prado Coelho, cujo interesse ultrapassa qualquer tentativa de resumir a percepção das obras a leituras técnicas (apesar da sua indispensabilidade),

levanta o véu dos sentidos libertários, das etnias sem nome mas cujo traço parece visitar, em certos momentos, a memória etrusca e de outras culturas circundantes, apelo bem justificado na abrangência das situações, do espírito das artes, tal como se viu acontecer, com grande impressão telúrica, em desenhos e esculturas do nosso escultor Martins Correia, sob o impulso de memórias reelaboradas na Itália. De resto, as composições comportam, em cascata e na oblíqua, de cima para baixo, uma ideia de *atitude* *comunitária,* a acção solidária dos gestos, das mãos que se tocam em rede, remetendo a figuração masculina, atrás dos pássaros e das suspensões, para a mais linear omissão, mesmo se o equívoco perceptivo nos leva a afinar o olho na tentativa de resgatar alguém do fundo das aglomerações.

Por outro lado, estes enlaces espaciais de figuras femininas em certa descontinuidade de raça e idade, embora claramente importadas param a nossa modernidade, rompem com a estabilidade do *campo*, movendo-se como os pássaros meio irreais que povoam lugares de convívio e entreajuda, tanto na pose como na eminência do voo em direcção a novos avisos e mais convívios. Não são pássaros vulgares, tanto quanto as mulheres, e as histórias supostas no olhar acordado da representação afastam-se da lógica redentora do nome dos factos, da cronologia dos acontecimentos, algo que tem sido explorado, até um certo enjoo, por Paula Rego. E talvez valha a pena acrescentar que Armanda Passos não intitula histórias, intitula quadros quanto à sua natureza de objectos livres de si mesmos, declarados começados e acabados com tinta de óleo.

A questão aqui sugerida aparece também tratada por Armanda Passos, citando o conhecimento de José Augusto França sobre a autora e numa relação que estabeleceu entre as duas pintoras referidas. França terá escrito: «Onde Paula Rego conta histórias em sua casa, ela (Armanda) não conta — e tem o malicioso bom gosto de intitular as suas telas só pelo que fisicamente são, a óleo.» De resto, há em Paula Rego, a despeito do sonho pesadelo, histórias de maldade e temores, um intuito de copiar modelos, torcendo-os e emitindo alguns gritos torturados. De outro modo, Armanda traça as figuras em *nivelamento,* emergindo de uma espécie de arquétipos, entre representações planas, soltas, francas, bem engrenadas de um ponto de vista plástico.

Se os sonhos acontecem em estado de vigília, então melhor se percebe que estas figurações, vogando no espaço, sejam tão abertas à cor e à luz — poeticamente.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

*Galeria S. Mamede, exposição até 15 de Janeiro de 1013.*

*Horário: dias úteis 10h às 19h*

NT: 834 palavras